

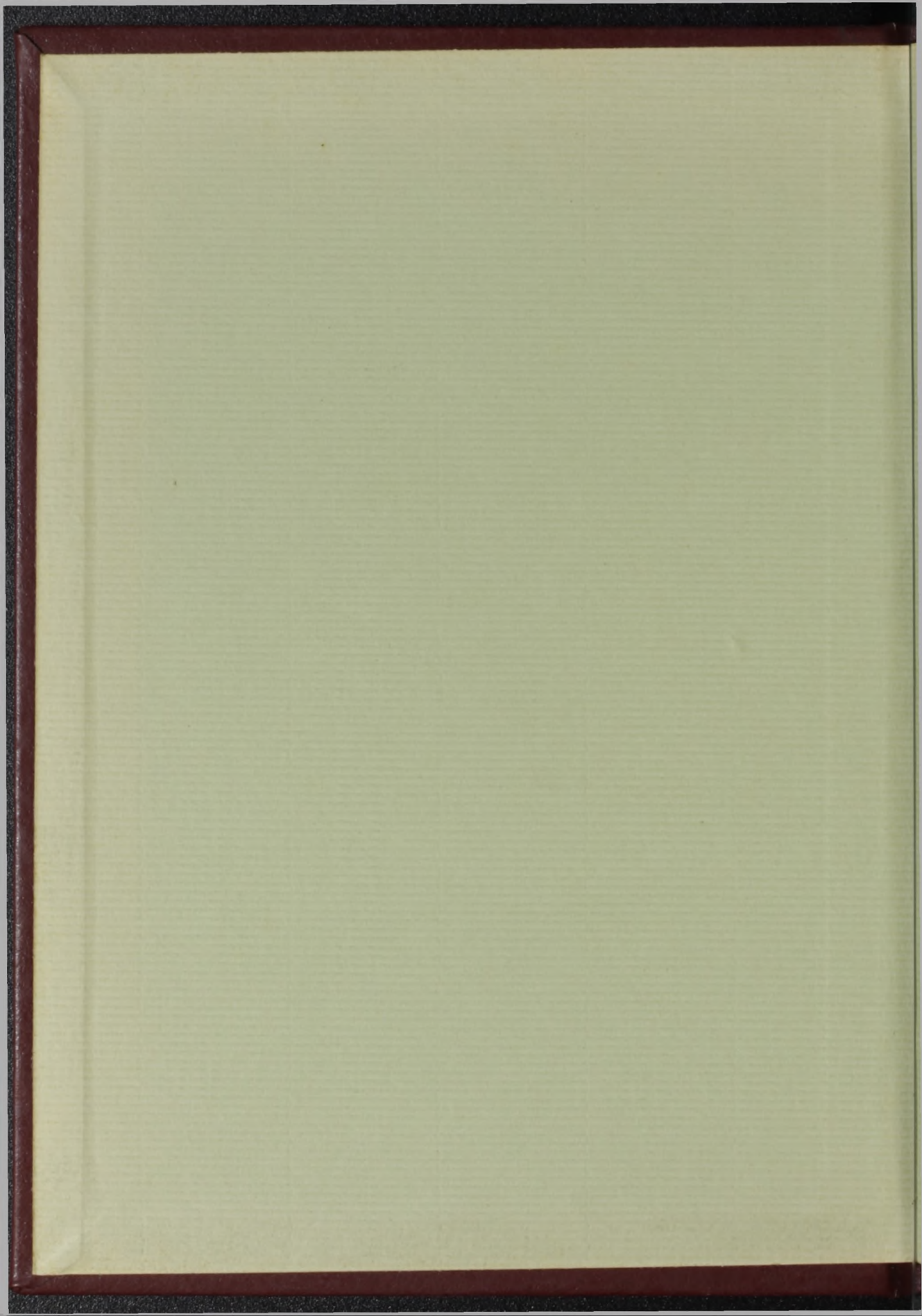
J. A. DE MACEDO

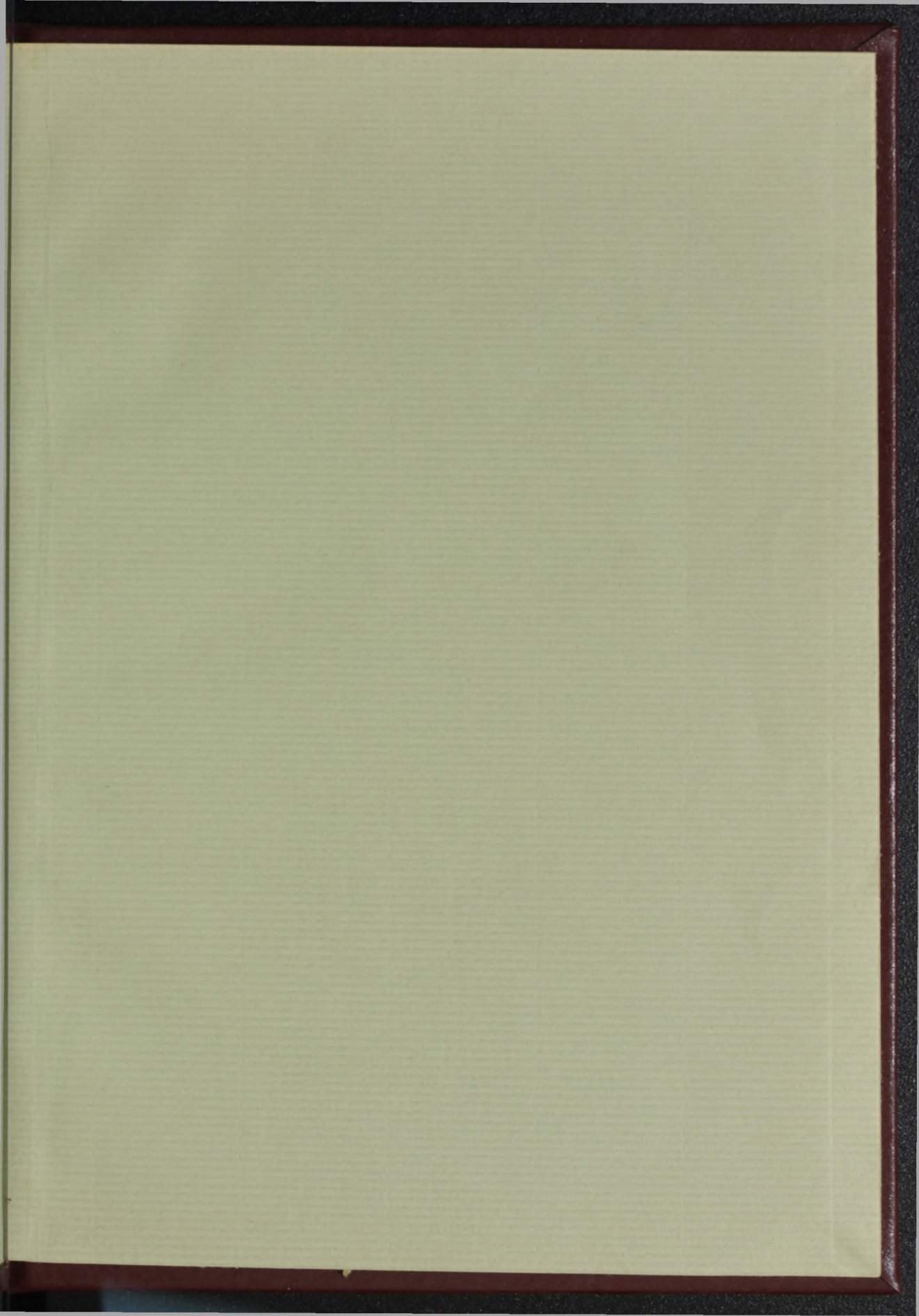
A. S. M. IMPERIAL

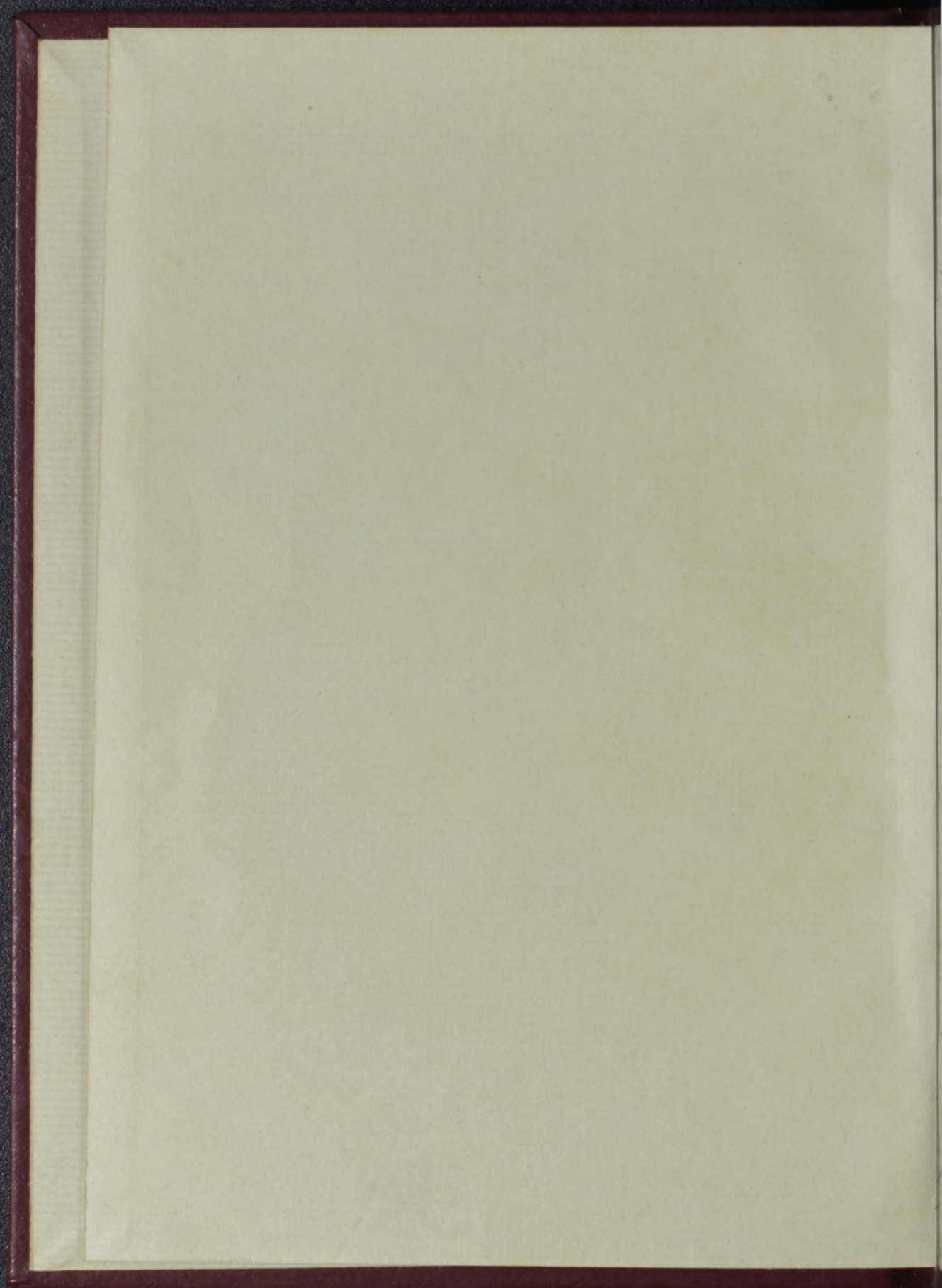
ALEXANDRE I

1813

B. M. O. L.







80.

A SUA Magestade Imperial.

ALEXANDRE I.

O

TRIUNFADOR.

O D E.

IMPRIMIDOR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo N.º 33010
MUSEU LITERÁRIO



L I S B O A ,

NA IMPRESSAM REGIA. ANNO 1813.

C O M L I C E N C A .

Handwritten signature or mark in the bottom left corner.

LIBRARY OF THE

UNIVERSITY OF

CHICAGO

MUSEUM LIBRARY
Tombs N.
OFFICE LIBRARY

Gladius Domini, et Gedeonis.

Ex Lib. Jud.



LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
CHICAGO

AO LEITOR.

NEM a Historia nos offerece hum Quadro igual , nem a Poezia ainda teve hum assumpto semelhante. Revolvão-se os Annaes de Roma desde seu principio até Julio Cesar ; contemple-se a grande serie de acontecimentos que até a esta época nos manifesta eloquentemente Tito Livio ; e , desde este ponto , quanto abrangem os Annaes do profundo Tacito : contemplem-se os Historiadores do baixo Imperio , mais fecundo em catastrofes , e grandes acontecimentos do que foi o mesmo Imperio desde Augusto até Constantino ; leião-se com a attenção que merecem , Amiano Marcellino , Procopio , Herodiano , e Jornandes ; adiante-se a contemplação até aos tempos chamados barbaros , observem-se as conquistas de Saladino , e as victorias espantosas de Mahomet II. , e nas (assim ditas) nações civilisadas medite-se quanto aos olhos da Filosofia offerece o grave Historiador Guichardini ; conhecer-se-ha que á Terra ainda se não deo hum espectáculo semelhante ao espectáculo que tão gloriosamente de si mesma nos dá a Russia. As victorias do portentoso Alexandre I. , pertencem-lhe assim he , porque elle as alcança ; mas são as vic-

torias da Humanidade. Os seus Generaes occupão o primeiro lugar nos Fastos do Mundo. Annibal disse a Scipião que se o tivera vencido, então elle Annibal seria maior Capitão que Alexandre, e Pyrrho. E que devem dizer os Generaes do verdadeiramente Grande Alexandre? Vimos os Cedros do Libano levantados, passamos e já não erão. Campeião soberbamente 400 mil guerreiros, passão dois mezes, e já não existem! Que he isto? A mão do Eterno, e Alexandre seu instrumento. O que prometteo a Cyro em o Cap. 45 de Isaias o está cumprindo em Alexandre. Hum homem fez humna promessa politica, e pouco se enganou; *Rousseau* disse que a Russia daria as leis a toda a Europa; a Justiça de Alexandre lhe dará o equilibrio, bem como o seu valor lhe dá, (eis-aqui humna demonstração), e lhe dará a liberdade. “Eu venço, diz Alexandre, e não quero conquistas. Eu tiro aos homens para dar aos meus Generaes, dizia o antigo Alexandre; eu tiro aos usurpadores para dar aos homens, diz o moderno, e maior Alexandre., E que posso eu dar a Alexandre? Humna Ode digna de Alexandre; e he alguma cousa; porque eu conheço tanto os homens, que ou os não sei, ou os não devo louvar.

O D E.

1.

JA de monstros purgado a Terra havia
 Com triunfante braço o Heroe Thebano,
 E a fulminante espada
 Já descansava d'embeber-se em sangue ;
 Quando o tremente Atlante
 Sentio curvar-se o rigido pescoço
 Ao pezo immenso, e vacillando o Olympo
 Ao precipicio eterno expunha os Astros.

2.

Tremem nas mãos de Febo as redeas d'ouro ,
 E obliquo corre indefinito espaço ;
 Vinha quasi em ruina
 Do ar precipitada a etherea móle ;
 Eis generoso avança
 De mil triunfos coroado Alcides ,
 E, rija espada submettendo ao pezo ,
 As esféras salvou da quéda infausta.

Envolta em densa escuridão dest'arte
 A Grega Musa tacteava o Plectro :
 Eu rasgo o véo profundo ,
 Rompo a cortina do Febêo mysterio.
 He digno o Heroe de louros
 Quando monstros sacrilegos esmaga ,
 E, deixando em seu sangue a Terra envolta,
 As Leis, os Ceos, a Natureza escóra.

Salve, Triunfador; teu vasto Imperio
 Com grão trabalho o Sol mede co'a vista;
 Deo a teu Sceptro o Fado
 Dentro do Mundo a governar hum Mundo!
 De mim quanto és distante!
 Não te dedignes de escutar a escura,
 A peregrina Cithara, que sóa
 No Têjo, que hoje inveja a gloria ao Neva.

A septifrente abominavel Hydra
 Mortaes espumas vomitava em ondas,
 De tóxicos fecunda;
 E corrompia, inficionava a Terra :
 Com braço infatigavel
 Tu lhe degollas lívidas gargantas,
 E da peçonha abominavel ficção
 Restos apenas no exultante Globo.

7

6.

Duro era ver do revoltoso Sena
Sahir, bramindo, o despiedado Tigre,
 E as sanguinosas garras
Empolgar com perfidia em turba imbelle,
 Que o crime corrompera ;
Duro era ver de funebres ciprestes
Bordada a margem do Danubio, e Rhenos ;
Duro era ver envolto o Tibre em ferros.

7.

De Imperios quantos, e quebrados Sceptros,
S'erguia ufana colossal Potencia !
 Pela aviltada Europa
Torrentes correm de espumante sangue :
 A escravidão, sentada
Sobre barbaro throno, aos homens dava
(Oh ! Vergonhosa escolha !) O jugo, ou morte :
Nunca tão vis grilhões soffrêra o Mundo !

8.

Foi Roma escrava d'hum seu filho, quando
As ballizas fataes transpunha Julio ;
 Os grilhões, que prepara
A' miseranda Patria, estende ao Mundo ;
 Relampago correndo
Vai guerra fulminar no turvo Eufrates ;
Octavio em Accio seu rival supplanta,
Unico em Roma, he Déspota do Mundo.

8

9.

Vejo monstros subir, mas descem monstros
Do throno ao cadafalço, e he Roma escrava;

A voz da liberdade,

He muda já nos angulos da Terra :

Hum mesmo jugo prende

Do Despotismo ao carro a Lybia, a Europa;

Debalde aos Ceos por seculos mostravão

De vís algemas roxeados pulsos.

10.

Mas chega o grito das Nações ao Pólo,

Lá prepara a Justiça eterna hum raio ;

A nuvem se condensa;

Já se enrola, e caminha, e os ares tolda;

Libertadoras armas

A terra vem cobrindo, os mares enchem;

Qual dos montes Riféos desce a torrente,

De teu immenso Imperio as Hostes correm.

11.

Os filhos do Boristhenes, os duros

Moradores do Don seus gêlos deixão;

Dos pedregosos serros

Da Escandinavia as Legiões já voão:

Cerra as trementes azas,

Com triunfos soberba, a Aguia Latina,

Treme Bizancio, e retrocede o Tibre,

Do pó, da cinza a Liberdade surge.

12.

Quebra os ferros da Gallia, aplaina os Alpes
Espantoso Alarico; ah ! quanto sangue

Inunda os altos muros

Da soberba Ravena! Em vão lhe oppunha

Honorio o escudo imbelle !

He mais que Annibal o guerreiro, e passa

Do frondoso Apenino as agras serras :

Entra Alarico, e se esvaece Roma.

13.

Já não se admira o Capitolio immovel;

O que erguêrão no ar milhões d'escravos

Dos Déspotas soberbos,

Ao aceno fatal, he cinza, ou nada.

A Liberdade exulta

Sobre as ruinas da orgulhosa Roma;

Estalla o jugo do Latino Imperio:

A Europa deve a Liberdade ao Pólo.

14.

Vicissitude das Nações! Rebenta

Negro acceso volcão do abjecto, e triste

Domicilio de escravos,

A Córsega ao Cometa infausto he berço;

Da crina ensanguentada

Cahe na armigera Europa o raio, e a morte;

Dos Reis na frente se embacia, e tolda

O lúcido Diadema, o Sceptro estalla.

10

15.

He tudo escravidão, he sombra, he noite,
E cobre hum luto universal os Povos.

Os laços se dissolvem
Com que amigas Nações Justiça uníra ;
Pasma a Europa de vêr-se
Inundada de sangue envolta em ferros,
De hum Nero, de hum Caligula pendente :
Vê surgir, dominar barbara Roma.

16.

Nem Váro as Legiões perde em Germania,
Nem Crasso deixa as Aguias abatidas
Na Persia vencedora,
Nem do Peno valente a espada invicta
No peito de Flaminio
Se embebe, e deixa ensanguentado o campo,
De mil extinctas Legiões coberto
Da Latina Potencia opprobrio eterno!

17.

Segue a victoria a força, e não virtude,
Correm debalde as lagrimas do Mundo;
No magnanimo esforço
Deo Lusitana terra exemplo á Terra ;
Mas da Europa humilhada
Se agrava niais, e mais pezado jugo,
E já não resta ao Déspota tremendo
Mais que, além do Boristhenes . . . o estrago !

Dorme o Leão na cavernosa gruta,
 E nos ermos de Zara affoita passa
 Chusma brutal de feras;
 Desgraça áquella que intentasse ousada
 O generoso bruto
 Aos brandos laços arrancar do somno!
 Despertou; já chammeja a vista em fogo,
 Na garra o sangue tem, na fauce a morte.

O' portentoso Autócrata, tu salvas
 De tanto mal a humanidade oppressa!
 Qual setta incendiiosa,
 Que entre trovões do Ceo fulgura, e desce,
 Que de annoso Cypreste
 Abraza a verde cóma, o tronco fende,
 Que até se embebe na raiz, e deixa
 Dos bosques o braço desfeito em cinza:

Tal foste tu, Senhor; e a espada tua
 Traz nos fios pendente a Liberdade:
 Já na Europa scintilla
 Astro, que ao mar, ao vento a furia enfreia;
 Nos angulos do Mundo
 Os éccos são dos grilhões que estallão;
 Da Terra tu sómente o opprobrio vingas,
 Cede ao Pólo outra vez barbara Roma!

12

21.

Mais alto agora se levanta, e sóbe
De enthusiasmo divinal nas azas,
Do turbulento Hydaspes
Minha alma aiém das perigrinas margens.
Falta o terreno ás Hostes,
(E tantas são!) que do soberbo Póro
Lá vem seguindo as barbaras bandeiras;
Vem na frente a ruina, o incendio, a morte!

22.

Mas Alexandre! . . . eis súbito desfeitas
As Hostes são, quaes torridas arêas
Na abrazada Syêne,
Ao rijo assopro de estuantes ventos.
Lá vão, lá vão dispersos
Fugindo á morte miseraveis restos,
E nas montanhas de Cambaia apenas,
Nas mãos da morte, hum Póro encontra asylo.

23.

Se do grande Alexandre igual em nome,
E's maior em virtude, em força, em armas;
Persépolis se abraza,
(Magestosa Moscow,) no incendio immenso
Teus campioes s'inflammão;
Então desperta a chamma, então fulgura,
Sem encontrar obstaculos, teu raio!
Ah! nunca, nunca os impetos lhe acabem!

E's tu Anjo, ou mortal? ... No Assyrio campo
 Assim deixava o Campião celeste
 N'huma só noite extinctas
 De Babylonia as Legiões soberbas;
 Quando o Sol n'Occidente
 Hia escondendo a lúcida carroça
 Inda! ... ai que dôr! Jerusalem conturbão;
 Quando a Aurora surgio, nenhuma existe.

Onde existe, onde está Lucifer, onde,
 Que quiz sem tino a barbara cabeça
 Alçar omnipotente,
 E além do Pólo levantar seu throno?
 A sacrilega audacia
 Tu só lhe abates da orgulhosa frente:
 Ah! como torna, em vituperio envolto,
 Sem gloria a s'esconder no eterno abysmo!

Não ponhas, não, Senhor, termo á vingança;
 Nunca dos hombros triunfaes deponhas
 A temerosa aljava
 D'onde tiraste da vingança as settas;
 Esqueça-te que és Tito;
 Contra o monstro sacrilego, que insulta
 Os Ceos, a Terra, a Natureza, e tudo,
 Não he nobre o perdão, he nobre hum raio.

27.

Eu sei, Senhor, que a teu valor supremo
He leve afan dar nova face ao Mundo :

Mas que não tenta, e busca
Obstinado furor d'alma inimiga?

Inda veneno entorna,
Inda á voz da piedade o ouvido cerra;
Inda os escravos tem que em ferros leve;
Despótica voutade inda he seu Nume.

28.

Frustre o Ceo meu pressagio! Intenta em breve
Co'as Aguias assombrar da Europa os campos!

Os amargos soluços
Escuta tu, Senhor da Hesperia afflicta;
Seus desertos altares
Por ti bradando estão; curvado, e triste
O Supremo Pastor gemendo em ferros,
Te mostra, ai magoa! o Vaticano em cinzas!

29.

Traze a paz ás Nações, e a Europa tenha,
Entre tormentas taes, sereno hum dia:

Teu vasto, augusto peito
Póde novos ganhar troféos, e louros,
Póde no turvo Sena

(E que não pódes tu?) do Mundo ao Monstro
Esmagar a cerviz; vem, que te aguardão
Dos Ceos a protecção, da Terra as bençãos.

15

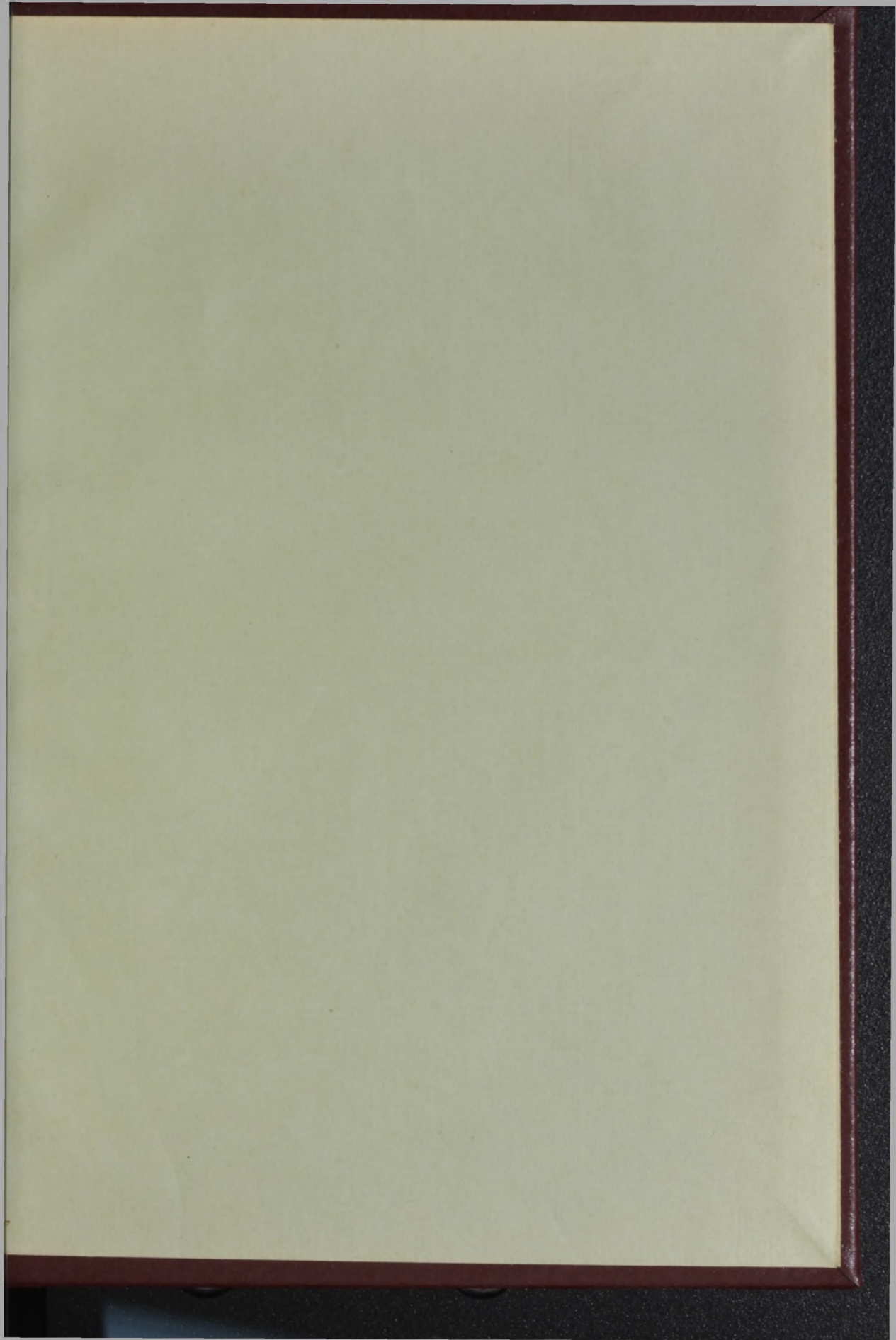
30.

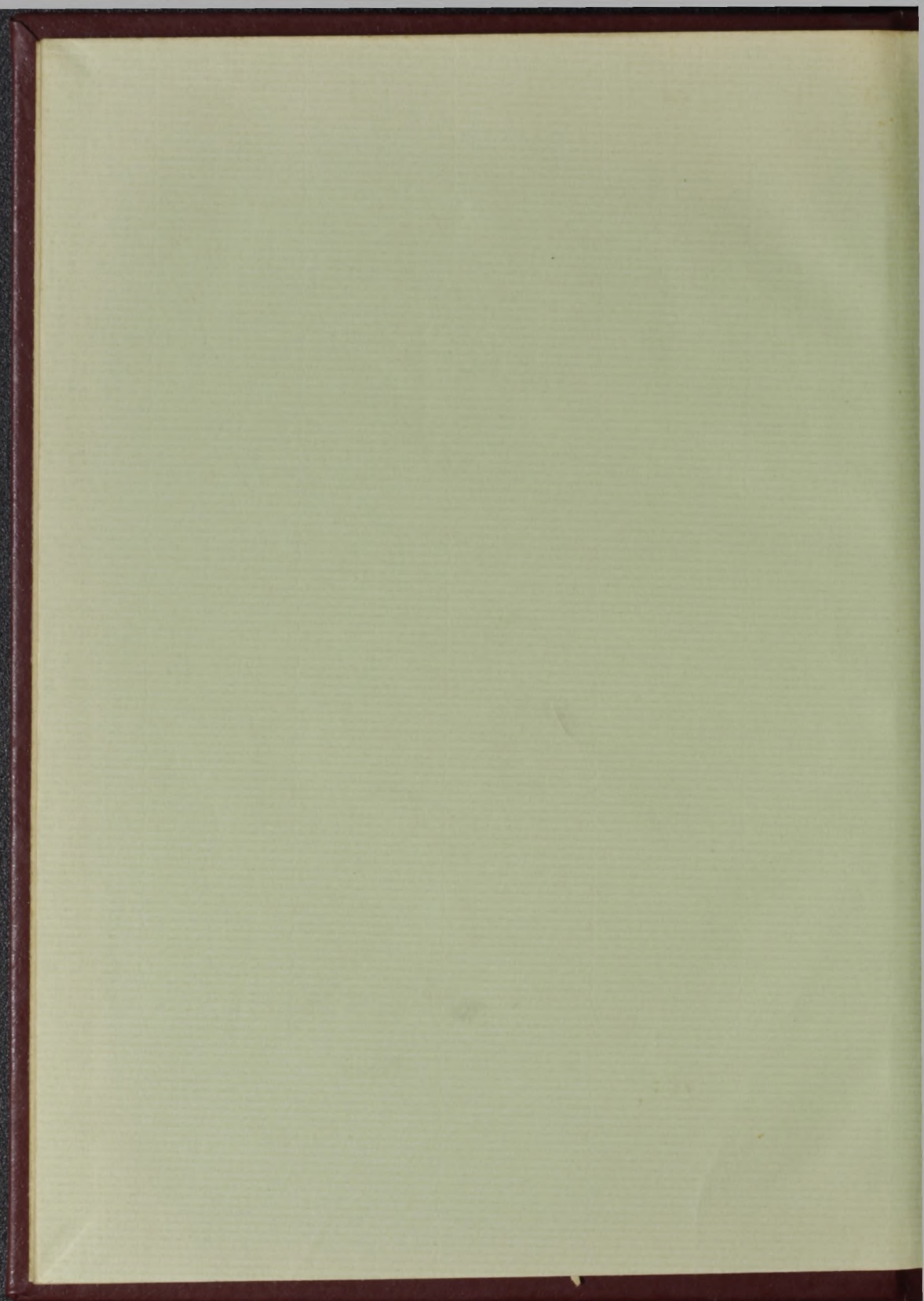
Salve, Libertador! Se o Neva exalça
De Pedro o Busto, porque funda Imperios;
Se a Mole portentosa
Prendendo está dos seculos a roda;
Tu verás o teu nome
Correr de boca em boca á Eternidade;
Porque em fim deste, vencedor na guerra,
A' Europa a liberdade, a paz á Terra.

F I M.

A' foyes a l'india, a paz a Terra.
 Porque em l'um d'eyta, e m'eyta la foyes;
 Corre de foyes em foyes a l'india;
 Tu v'as o l'um nome
 Foyes de foyes a l'india e foyes;
 Se a foyes foyes
 De foyes a foyes, foyes foyes foyes;
 Foyes, l'india e foyes e foyes

T I M.





090
MIRIA

